

PONTO CONTRA PONTO

A DESTINAÇÃO DE COTAS NAS UNIVERSIDADES AOS NEGROS É UMA FORMA DE PRECONCEITO?

A Organização da Nações Unidas promove a III Conferência Mundial Contra o Racismo, nos próximos dias em Durban, África do Sul. No mesmo momento o Ministro da Educação, Paulo Renato, anuncia uma reserva de cotas nas Universidades, depois,

transformada em um curso de pré-vestibular para negros nas Universidades do País. para discutir o tema temos hoje o Procurador Geral de Justiça, Paulo Leão, e Fernando Vasconcelos, Promotor de Justiça.

SIM

“NOSSE PAÍS TEM UM DÉBITO COM AS PESSOAS QUE, EM RAZÃO DE ODIOSA DISCRIMINAÇÃO, FAZEM PARTE DE UM MINORIA SOCIAL”

Feliz iniciativa da Organização das Nações Unidas em promover a III Conferência Mundial Contra o Racismo, nestes dias em Durban, África do Sul. Igualmente oportuna a participação do Brasil, que terá na sua delegação representantes de organizações de negros, índios, mulheres, homossexuais, dentre outras minorias sociais.

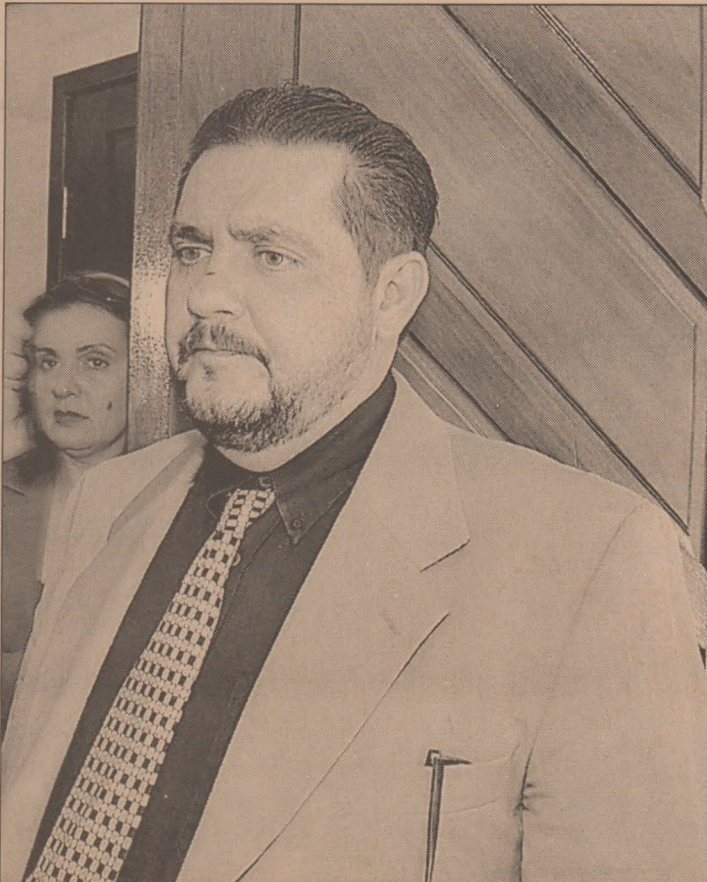
É iniludível que o nosso país tem um débito com as pessoas que, em razão de uma odiosa discriminação, fazem parte de uma minoria dita social.

Há de se destacar entre essas pessoas, os negros, cuja dívida histórica que o país tem, desde o início da escravidão até os dias de hoje, são os mais atingidos. Faz-se necessário, pois, corrigir os erros do passado e do presente com uma política de igualdade social séria e efetiva.

Entretanto, há de se convir, que a proposta de reservar um percentual de vagas nas universidades públicas para que as pessoas negras possam, somente entre elas, concorrer, fere o princípio da igualdade que, após um penoso processo histórico, foi insculpido em nossa Constituição. Esse princípio, exposto no artigo 5º da nossa Magna Carta, preconiza que todos são iguais perante a lei, resultando que esse tratamento deve ser de igual para os iguais e desigual para os desiguais, na medida dessas desigualdades. É a chamada igualdade isonômica. No caso vertente, a desigualdade apontada, ou seja, a cor da pele, penso, não tem o condão de ser aferida com o manto da isonomia, pois, não há desequilíbrio apontado nem mental, nem de conhecimento. Todos são pessoas, independentemente do estereótipo.

Deste modo, não há como discrepar: o princípio da igualdade proíbe uma relação desigual de fatos iguais; casos iguais devem encontrar regra igual. A questão é, quais fatos são iguais e, por isso, não devem ser regulados desigualmente. Destarte,

Frankie Marcone



“Somos todos pessoas e igualmente como tais devemos ser tratados”

“REAFIRMO QUE O BRASIL TEM UMA DÍVIDA SOCIAL IMENSA COM AS MINORIAS E EM DESTAQUE COM AS PESSOAS NEGRAS. E URGE O RESGATE DESSE DÉBITO”

Paulo Leão, Procurador

a questão decisiva da igualdade jurídica material é sempre aquela das características a ser consideradas como essenciais, que fundamentam a igualdade de vários fatos e, com isso, o mandamento do tratamento igual. Por essa linha de raciocínio, dois fatos considerados em todas suas características, inclusive temporais e espaciais, jamais podem ser absolutamente iguais, devendo ser a identi-

cação em sua essencialidade para o reconhecimento de determinado direito.

Assim, pelo fato de se ter cor de pele diferente, as pessoas não podem ter tratamento diverso tanto em um contexto positivo como negativo.

Reafirmo que o Brasil tem uma dívida social imensa com as minorias supra mencionadas e em destaque as pessoas negras, razão que urge o imediato resgate desse débito, dentro de uma política de conscientização de co-existência social e não incrementando mais uma discriminação, mesmo que positiva.

Portanto, a origem, a raça, o sexo, a cor e a idade são características não essenciais que inviabilizam um tratamento discriminatório que privilegie ou prejudique pessoas, pois, pelo óbvio, somos todos pessoas e igualmente como tais devemos ser tratados.

Paulo Roberto Dantas de Souza Leão

Procurador-Geral de Justiça

NÃO

“É INGENUIDADE OU MÁ-FÉ ACREDITAR QUE NOS MOLDES ATUAIS O NEGRO TERÁ ACESSO A UNIVERSIDADE, PASSO IMPORTANTE PARA A INTEGRAÇÃO”

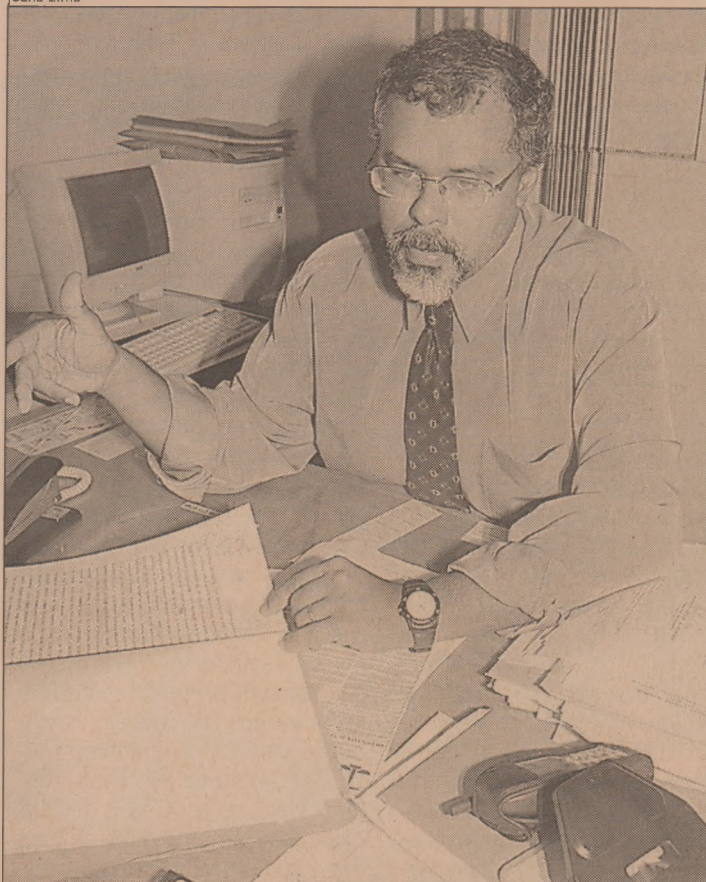
Há algum tempo se discute em nosso país a existência das chamadas cotas sociais, tanto nas universidades quanto no campo de trabalho, visando a integração de categorias que por algum motivo não foram devidamente integradas à sociedade. Atualmente já temos, por exemplo, a garantia assegurada por lei, de acesso a um percentual de vagas nos concursos públicos, para os portadores de deficiência. Nesse instante, influenciado talvez, pela conferência mundial contra o racismo que ocorre em Durban, África do Sul, e pelas recentes declarações do Ministro da Educação Paulo Renato, reacende-se a discussão no Brasil sobre a destinação de Cotas nas universidades públicas para os negros. A proposta, até pelo caráter inovador é polêmica, mas sem dúvida nenhuma é uma das formas mais eficientes de se resgatar uma dívida histórica que o país tem para com os afro-descendentes.

Inegavelmente é de se observar que o negro na história brasileira sempre fez parte da parcela excluída dos bens sociais. Inicialmente chegados aqui como escravos, receberam uma libertação formal, quando já não era viável economicamente para a classe dominante, a manutenção da mão de obra escrava, de custo mais elevado, sendo mais ôntelável pagar a tais escravos míseros salários pelos seus serviços.

É comum se falar que o Brasil não é um país racista, tal afirmativa porém é uma meia verdade, há apenas dez negros entre mil diplomatas, no congresso nacional são em torno de 3%. Nas universidades a situação é chocante, para se ter uma idéia, no exame nacional de cursos (prova) de 2000 das 213.590 inscrições apenas 2,2% eram de estudantes negros. Um número que fala por si só. Segundo dados do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, naquela universidade apenas 2% dos alunos são negros.

Alguns críticos da proposta alegam que isso seria um racismo as avessas, pois da forma atual todos concorrem em condições de igualdade. Tal argu-

Joana Lima



“A reserva de vagas é pois uma de se fazer justiça aos negros”

mentação é falaciosa e revela em seu contexto, aí sim, uma posição racista, pois é claro que as condições em que concorrem negros e brancos não são iguais, e a própria história serve para confirmar isso. A igualdade se materializa quando você trata igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, e é, inequivocamente verdade que em um vestibular as pessoas oriundas de grupos sociais historicamente marginalizados já partem em desvantagem, isso quando conseguem prestar tal concurso. Além disso é cientificamente comprovado que no mercado de trabalho o branco é preferido para admissão ou promoção quando há outro negro com mesma formação e qualificação.

Aliás, é de se ressaltar, que os Estados do RJ e do RS já anunciaram que vão adotar cotas para alunos de escolas públicas e carentes. No RJ haverá reserva de 50% das vagas nas universidades estaduais a alunos que fizeram o ensino médio e fundamental, integralmente, em escolas públicas. No RS, a UERGS (Universi-

dade do Estado do Rio Grande do Sul) terá a partir de 2002, a reserva de 50% das vagas para carentes e de 10% para deficientes. Vale dizer, que diante de tais iniciativas não houveram grandes críticas, mas quando se fala em destinar cotas para negros a coisa muda de figura, será que essa violenta oposição a idéia, não é uma forma de racismo?

Assim sendo, reconhecida a dívida histórica do país para com os afro-descendentes, é preciso medidas para resgata-la, e uma das formas é, sem dúvida nenhuma, através da destinação de cotas sociais, entre elas as cotas de acesso as universidades. Afinal, é ingenuidade ou má-fé acreditar que nos moldes atuais o negro terá acesso a universidade, passo importante para integração. A reserva de vagas é pois uma de se fazer justiça aos negros, se redimindo o país da vergonhosa escravidão imposta no passado, cujos efeitos perduram até hoje.

Fernando Vasconcelos

Promotor de Justiça

NA BOCA DO POVO

Fotos: D'Luca



EUDIVAN DA PENHA,
21 anos,
pré-vestibulando

■ “Sim. Porque todo mundo tem de lutar pelos seus direitos. Eu acho que reservar vagas para algumas pessoas apenas não é certo. Negro, branco, vermelho, todos tem de lutar igualmente para entrar na universidade. Embora eu acredite que o próprio negro seja preconceituoso consigo mesmo; principalmente quando o assunto é frequentar uma universidade”.



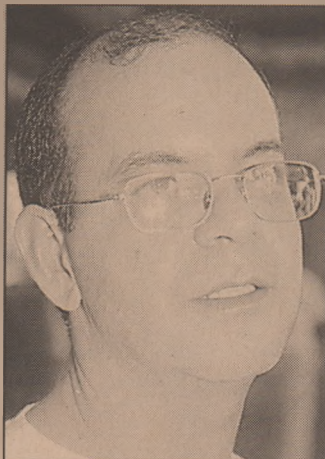
ELVIRA OLIVEIRA,
21 anos,
universitária

■ “Não é preconceito. Mas eu acho que essa é uma medida paliativa. Na minha opinião o que deveria ser feito era melhorar o ensino público, tanto fundamental quanto o médio para que as oportunidades fossem mais igualitárias, independente da cor da pele das pessoas”.



RICARDO MARTINS,
27 anos,
universitário

■ “Acho que não é preconceito, é até uma tentativa de desmistificar esse preconceito. Mas não é a medida mais correta. Na verdade, deveria-se tentar reformar, incrementar a base de ensino. Com essa garantia, todos teriam condições de ocupar uma vaga na universidade. Senão é favorecimento”.



JOÃO DE QUEIROZ,
37 anos,
tradutor

■ “De certa forma incentiva o preconceito. Porque se somos todos iguais perante a Constituição, não há porque haver uma Lei complementar. O erro está na educação desde o início. Se já há garantia de direitos iguais independente de cor, raça ou credo, o negro já deveria-se estar incluído nisso. Até porque ter barrada a entrada em algum lugar não é uma questão de cor, é uma questão econômica”.



HELENA SOARES,
37 anos,
autônoma

■ “Sim. Porque não tem que ter limite de vagas para negros ou brancos. Os direitos tem de ser iguais. Acho que uma solução melhor seria a melhoria na educação pública. Essa é a saída para que as pessoas estudem e tenham o direito de competir vagas nas universidades”.



MARCOS DIONÍSIO,
40 anos,
ouvindo

■ “Não acho que seja preconceito. Acredito ser uma discriminação positiva já que procurará amenizar a exclusão dos negros ao acesso à educação e emprego qualificado. A mesma preocupação deveria voltar-se para as populações indígenas. Esse procedimento é o mesmo que deveria assegurar a escola pública, aos alunos egressos”.

Fernanda Tavares

A Nº 1 ÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉ DE NATAL

Simone Silva
Repórter de Cidades

Uma beldade potiguar vem merecendo contínuo destaque no seletto mundo da moda internacional. A Top Fernanda Carolina Gomes Tavares, ou simplesmente Fernanda Tavares é aos 20 anos uma das modelos brasileiras mais bem pagas do mundo, figurando ao lado da festejada Gisele Bündchen. Segundo uma revista nacional ela faturou no ano passado o equivalente a US\$ 3,8 milhões, desbancando belas como Mariana Weckett, Carolina Ribeiro e Luciana Cuttis (que também tem um Q de nordestino-grandense).

A morena curvilínea de lábios carnudos encanta lá fora. Há seis anos não era bem assim. Fernanda era apenas filha do cantor Fernando Luís – o homem da “-garotinha” – que virou modelo para realizar o sonho da mãe Cheilha Correia. As duas com a cara e a coragem foram para São Paulo em 1994 de lá para Paris e finalmente Nova York onde hoje residem. Mas muita água rolou para a brasileira brilhar nos editoriais de moda e nas passarelas. “No começo foi difícil. Tinha preconceito por ser de Natal. Mas quando você sai do Brasil não se preocupam se é do Nordeste, do Sul, lá você é do Brasil”, diz.

Apesar de todo brilho Fernanda Tavares continua simples. Quando consegue uma folga na agenda vem visitar a família (como aconteceu nas últimas

“Não é difícil ser do Nordeste e brilhar lá fora. Quando você sai do Brasil não se preocupam se é do Nordeste, do Sul, lá você é do Brasil.”

Quando está em Natal a Top Internacional Fernanda Tavares quer ser apenas Fernanda, curtir ao máximo o pai e o resto da família. Abriu uma exceção para o **DIÁRIO DE NATAL** para conceder a seguinte entrevista – com perguntas feitas por fax e respostas via internet. A seguir conheça um pouco das opiniões da bela morena que encanta o mundo da moda internacional.

INÍCIO

Comecei minha carreira de modelo em 1995, lá se vão quase sete anos. Tem modelos que mantêm a profissão até aos 40 anos, outras com 25 anos estão encerrando, mas não considero certo. 25 anos é muito nova. Se meu corpo for assim, eu ainda ficar enxuta pretendo ir até aos 40 anos. Quando terminar a carreira de modelo, com certeza não ficarei parada, mas ainda não decidi o que vou fazer (Fernanda já recebeu propostas para apresentar programas e fazer filmes nos Estados Unidos). Para meninas que querem se projetar como modelos, é necessário ir para São Paulo. Não cresce ficando aqui ou mesmo indo para o Rio de Janeiro, pois não se teria tanta força. Tem que se ir para São Paulo.

INFLUÊNCIA

Tive uma influência materna para ser modelo. Minha mãe queria ser modelo e acabou não sendo. Então me preparou para isso. Quando eu era criança ela dizia que eu não podia cair, pois modelo não poderia ter manchas na perna, nem cicatriz. A minha infância foi legal mas eu me privei de tanta coisa que quando eu caio até acho bom. Fui fazer um trabalho na Califórnia, escalei uma pedra e na descida me machuquei. Minha perna ficou roxa, dozei, mas minha mãe quase teve um chilique..(risos).

COISAS RUINS

Coisa ruim é quando você está começando como modelo. Você é humilhada, ninguém quer

semanas). Está inclusive adquirindo uma casa de praia na cidade. Ela anda por aí de sandálias, vestidinhos e jeans. Sem maquiagem, (só um rimel básico) mas com bastante protetor solar. É a hora de saborear a comida que mais gosta: macaxeira, mas sem exagero para não ultrapassar os 57 quilos, bem distribuídos em 1,79m.

A top internacional, classificada pelo site americano models.com em 13º lugar entre as 50 mais, é bem caseira, mesmo em Nova York. Não bebe, não fuma e parece não ter se deslumbrado com o sucesso. Gosta do dinheiro que ganha mas é ultra econômica e supersticiosa. Numa entrevista pela internet confessou que não passa embaixo de escada e sempre faz o sinal da cruz antes dos desfiles

Depois de todo o falatório sobre sua suposta celulite, no ano passado, Fenanda Tavares quase nunca assume compromissos profissionais no Brasil e também quase nunca fala sobre o assunto. Há quem diga que ficou magoada. Na última São Paulo Fashion Week recusou-se a desfilir de maiô. Cobrou US\$ 30 mil para dar uma voltinha na passarela. Lá fora a supermodelo estrela campanhas da marca italiana Dolce & Gabanna e da Guerlain. Nos bastidores da moda é tida como a queridinha de Versace (uma das principais grifes do mundo), aliás aparece este mês numa de suas campanhas, e também da Valentine.

trabalhar com você, te ignoram, fazem críticas e você vê outras sendo bem tratadas porque são top. Quando é você que chega ao top, pode verificar que as pessoas que nem te viam e até te humilhavam passam a te bajular como se nada antes tivesse ocorrido. Só que eu tenho uma memória de elefante. O lado ruim é este. Você se sente no início sozinho e ainda aparece os que querem te levar para o mal caminho, das farras, chegar em casa de madrugada. Eu não entrei nessa graças ao apoio familiar que sempre tive.

DINHEIRO

Sim, eu me considero rica. Olhe o que você entende como rica. Mas neste trabalho a menina, a modelo, pode não fazer o melhor trabalho, aquele que tem mais projeção, no entanto pode conseguir sempre um bom dinheiro. Tem umas que nunca se ouviu nem falar, no entanto elas tem propriedades, então dá para juntar uma boa grana.

DEFINIÇÃO

Cada dia eu me vejo como uma pessoa diferente, as vezes não me acho nada disto, até desajeitada e imagino como posso ser modelo, mas eu gosto mesmo de me sentir elegante.

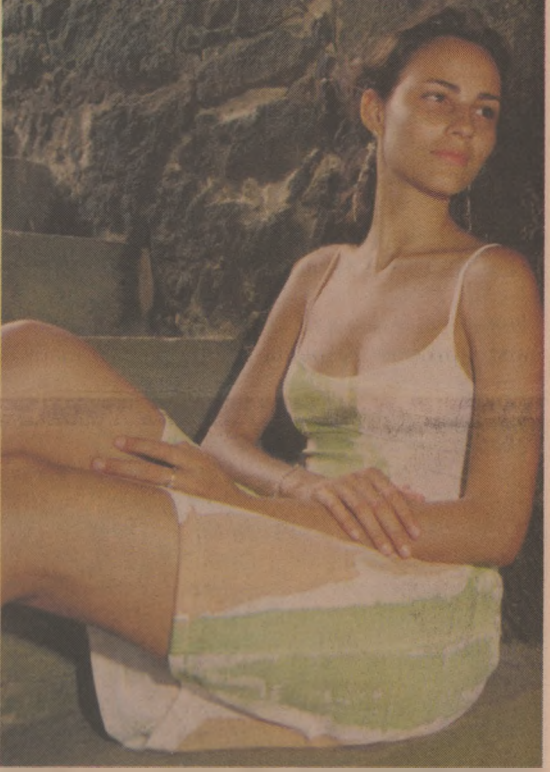
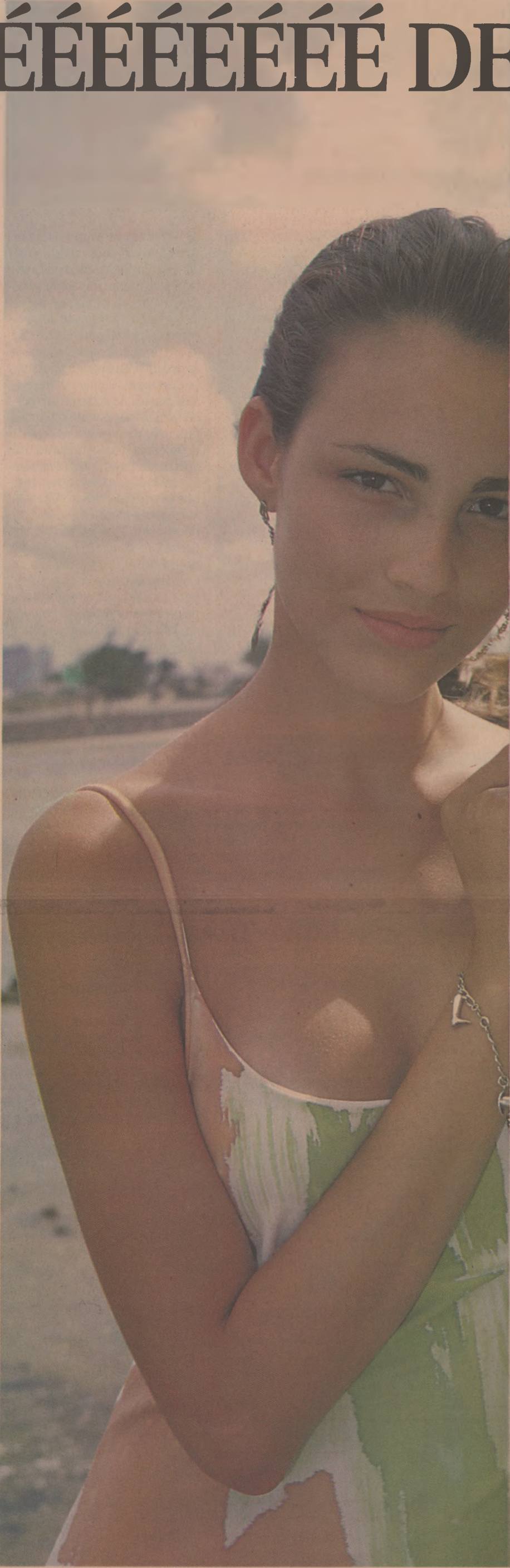
NO

Nunca recebi proposta para fazer nú numa revista masculina, mas creio que se recebesse não aceitaria, até porque ninguém compra revista masculina para ler a entrevista. Uma vez eu fiz o comercial de um perfume feminino que mostrava parte dos seios. Posso fazer trabalhos deste tipo desde que seja artístico e com finalidade, sem mostrar as partes íntimas e para uma publicidade, com um propósito.

NAMORO

Não tenho namorado, até porque o tempo não dá. Eu tinha um até pouco tempo e acabou porque eu não tinha tempo para namorar, viajando muito, mas eu

Joana Lima



Nome: Fernanda Carolina Gomes Tavares
Idade: 20 anos
Faturamento em 2000: US\$ 3,8 milhões
Tempo de carreira: 6 anos
Investimentos: carro importado e mansão de frente para o mar, em Natal

planejo ter uma família e ser mãe antes dos 30 anos.

FAMÍLIA

Minha mãe me dá força (A respeito da mãe, Cheilha, Fernanda a define como uma batalhadora, uma mulher que não pensa pequeno). É um apoio familiar. É a família que quer o teu bem e ela está ali ao meu lado. Meu pai, o cantor Fernando Luís é um batalhador que nunca deixou a peteca cair. O fato de meu pai ainda não ter conseguido uma projeção nacional talvez tenha sido pela falta de oportunidade de sair de Natal. Agora ele está tendo esta oportunidade. Quando eu fui para São Paulo eu tive oportunidade, fui para um emprego certo, numa agência e tinha onde morar.

RELIGIÃO

Minha família é católica. Meus pais são espíritas. Acredito

muito no espiritismo mas não sigo. Minha religião é Deus.

VIDA DE MODELO

A garota que quiser ser modelo deve seguir em frente e não desistir fácil. Eu comecei com muitas que desistiram no caminho, mas se você tem um ideal, se quer ser modelo realmente, tem que ir em frente encarando as coisas boas e as coisas ruins que a profissão tem, tem que saber como levar.

CARREIRA

Não incentivaria uma filha minha a ser modelo. Eu não soltaria uma filha minha com 15 anos para ser modelo. Mas se ela desejasse eu não impediria. Eu não quero ser uma mãe tipo falsa puritana. Não gostaria de manter esta fama.

Venho ao Brasil de seis em seis meses mais ou menos. A última vez que tinha vindo foi em dezembro de 2000.

ALIMENTAÇÃO

Eu como de tudo um pouco, chocolate, sorvete, mas com privações. Na nossa profissão não devemos comer tudo, mas eu não evito um chocolate, embora não coma muito. Também não tomo refrigerante, isto porque não gosto, prefiro suco natural. Laranja com cenoura é o meu preferido. Quando é um suco de caju por exemplo, em vez de açúcar eu coloco adoçante.

BRASIL

Eu amo meu país. Me deixa triste ver o que está acontecendo, seqüestros, criança na rua pedindo comida, apagão. Você vê pessoas que deveriam resolver estes problemas discutindo apenas os próprios salários, enquanto o trabalhador vive com R\$ 180,00 por mês. Isto é um absurdo. Lá fora ninguém acredita que se sobreviva com este salário

no Brasil. Estamos no século XXI e no Brasil se fala em apagão, parece que o país está regredindo.

FUTURO

Não planejei o futuro (Fernanda não gosta de falar sobre as coisas que ainda vai fazer). Nem se venho morar no Brasil, mas ao Brasil eu ficarei vindo com certeza, nem que seja de férias.

SONHO

Não tenho um sonho específico. Eu sou jovem e tenho muita coisa para realizar com certeza, embora ainda não saiba o que é

FRASE

Siga em frente em seu sonho e não desista dele.

BELEZA

Um homem bonito; fico com Bruce Williams e uma mulher bonita na minha opinião fico com Isabele Rosselini.

Frankie Marcone



PRIVILÉGIO OU PRECONCEITO?

ASCENSÃO DA RAÇA NEGRA

Fátima Elena Albuquerque
Repórter de Cidades

Apenas 2,2% dos brasileiros que concluem cursos universitários são negros e 13,5%, mulatos, segundo revelou o Provão 2000 realizado pelo Ministério da Educação. Na avaliação, ficou comprovado que dos 191 mil estudantes que se submeteram às provas, em 2.888 instituições de nível superior, 80% são brancos. E é com base nesses e em outros dados, que o governo brasileiro apresentará propostas durante a 3ª Conferência Internacional contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, que está acontecendo na África do Sul desde sexta-feira, para tentar reduzir essa situação de desigualdade racial.

Uma das medidas que o governo pretende adotar é a implementação de cotas ou outras ações afirmativas que promovam o acesso de negros às universidades públicas brasileiras. O objetivo é facilitar o ingresso de estudantes negros, que representam atualmente 45,3% da população, nos cursos de graduação oferecidos pelas instituições de ensino superior no País. A proposta espelha-se no

sistema empregado nos Estados Unidos, na década de 60, quando foi adotado um percentual de 12%, mas vem gerando polêmica, especialmente no próprio âmbito governamental.

De acordo com o ministro da Educação, Paulo Renato de Souza, é preferível que se invista em cursos pré-vestibulares para negros. Para isso, ele vem tentando negociar um financiamento de 10 milhões de dólares com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para o próximo ano. Ele acredita que iniciativas como essa, a qual considera como uma ação de discriminação positiva, são bem mais eficazes que a simples instituição de cotas junto às universidades públicas, que precisam ser discutidas em um contexto mais abrangente de garantia de acesso ao ensino fundamental e médio.

EXPERIÊNCIA

Nos Estados Unidos, a experiência da adoção desse sistema de cotas para os negros, nas universidades, introduzida há quase 40 anos, é considerada exemplar pelos seus defensores. Há quem diga que a implementação dessa medida promoveu o crescimento dos índices de escolaridade e a ascensão social

da população negra americana. Entretanto, várias ações judiciais movidas contra algumas universidades têm colocado o sistema em xeque. Na semana passada, em uma delas, o tribunal federal de apelação acatou o pedido de três candidatos brancos que tiveram seus pedidos de admissão rejeitados pela Universidade da Georgia, proibindo-a de usar um sistema de pontuação que beneficia candidatos negros.

No Brasil, muitas pessoas têm entendido que a proposta do sistema de cotas é uma medida racista, pois estaria prejudicando outras pessoas que estivesse melhor preparada para ocupar a vaga. Outra justificativa diz respeito ao critério a ser utilizado para o reconhecimento da cor do candidato, uma vez que a população brasileira é formada por mestiços, o que dificultaria a comprovação de quem realmente seria um afrodescendente. Segundo o professor do Departamento de Antropologia da UFRN, Luiz Assunção, boa parte dos negros não chegam às universidades porque abandonam a cadeia de ensino pela metade, ou seja, sequer concluem o ensino médio.

■ Continua na página 6

ALGUMAS DAS PROPOSTAS DO GOVERNO BRASILEIRO

■ Adoção de cotas ou outras medidas afirmativas que promovam o acesso de negros às universidades públicas.

■ Revisão de políticas governamentais, de modo a assegurar a eficácia aos direitos previstos na Declaração sobre a eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação fundadas em religião ou convicções, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 25 de novembro de 1981.

■ Revisão do artigo 61 do Código Penal Brasileiro, de modo a que o ostracismo, a discriminação racial, a xenofobia e formas conexas de intolerância passem a figurar como circunstância agravante de todo delito no qual se apure a incidência de quaisquer daquelas motivações.

■ A adoção de medidas reparatórias às vítimas do racismo, da discriminação racial e de formas conexas de intolerância, por meio de políticas públicas para superar a desigualdade. Elas deverão contemplar medidas legislativas e administrativas para garantir a regulamentação dos direitos de igualdade racial previstos na Constituição de 88, com ênfase nas áreas de educação, trabalho, titulação das terras e estabelecimento de política agrícola e desenvolvimento de comunidades remanescentes de quilombos.

■ Implementação das medidas prescritas na Convenção internacional sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial, promulgada pelo decreto 65.810, de 8 de novembro de 1969; na Convenção 111, concernente à discriminação em matéria de emprego e profissão, promulgada pelo decreto 62.150, de 19 de janeiro de 1968; e na Convenção relativa à luta contra a discriminação no campo do ensino, promulgada pelo decreto 63.233, de 6 de setembro de 1968.



Editoria de Arte/Jaime Azevedo



PEUGEOT

Emoção
em
movimento



Peugeot 206 Rallye: Uma questão de estilo!

**FRETE
GRATIS**

**SÓ HOJE E
AMANHÃ**

Ar condicionado
Direção hidráulica
c/ regulagem de altura
Vidros elétricos
Travas elétricas
Acionamento por controle remoto
Retrôvisores elétricos
Airbag
Pintura Metálica
Vidros verdes
Faróis de neblina
Faróis de Xenon
Rodas de Liga Leve

R\$ 28.600,00

Bônus incluso de R\$ 1.320,00

Peugeot 206 Rallye 1.6

Preço para pagamento à vista. Promoção válida até 02/09/2001. Foto meramente ilustrativa.

PEUGEOT 300 E RECOMENDA LUBRIFICANTES



Vendôme
A SUA CONCESSIONÁRIA PEUGEOT

CAEP - Central de Atendimento Especializado Peugeot - 0800 703 2424 - www.peugeot.com.br

Linha Direta Vendôme 206.0206

Fabrizia - 9409-2500 / Ross - 9404-2495 / Andréa - 9431-3485
Eduardo - 9419-8211 / Lena - 9405-4745 / Rodrigo - 9419-0091

Av. Presidente de Moraes, 4011 - Lagoa Nova - Fone: (84) 206.0206 - vendoe@vendome.com.br Visite nossa home page - www.vendome.com.br



DE 2ª à 6ª DAS 7:00h ÀS 17:00h
SABADO DAS 09h ÀS 13h
DOMINGO DAS 09h ÀS 13h

www.peugeot.com.br



PRIVILÉGIO OU PRECONCEITO?

REEDIÇÃO DA LEI ÁUREA

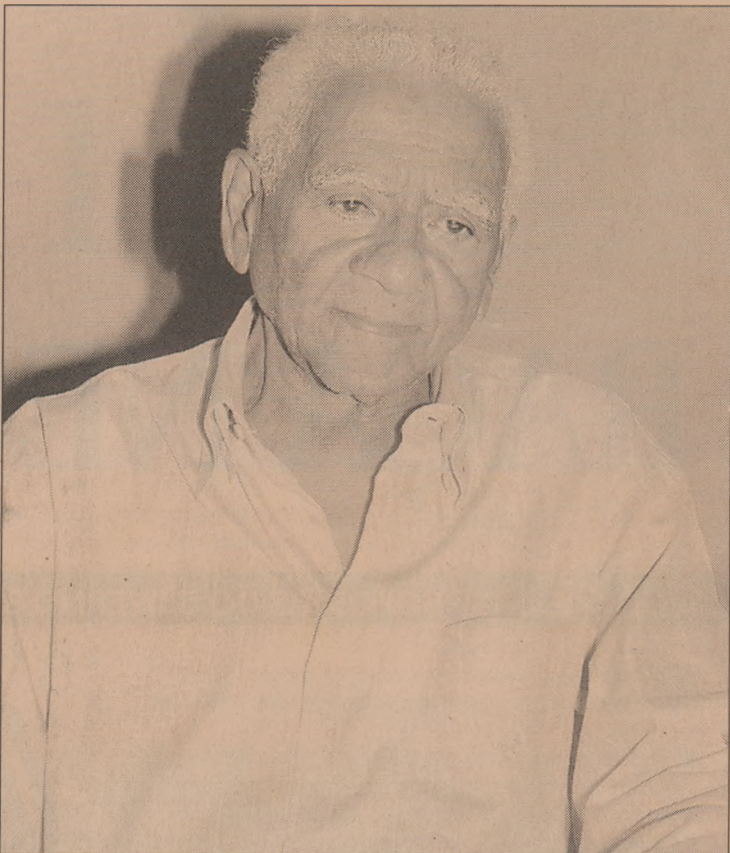
■ Continuação da página 5

Se por um lado, alguns contestam e mostram-se contrários à proposta do governo federal de tentar acabar com a desigualdade racial nas universidades brasileiras, outros defendem-na. É o caso de João Ururahy, atual chefe de gabinete da presidência do Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Norte. “A medida merece todo o elogio possível, desde que se torne efetiva e determinante de uma nova postura governamental, que vise solucionar um dos graves problemas sociais existentes”, afirma.

Na opinião de Ururahy, o propósito dos governantes, ao anunciar a medida, corresponde a um desejo sincero e efetivo de coibir a discriminação com relação ao negro no Brasil, sem ufanismo e sem subalternidade. Ele a vê como uma nova “Lei Áurea” (*Lei de Libertação dos Escravos no Brasil*), que permite aos negros mais acesso à escola e mais oportunidade para, com dignidade, conviver com o seu semelhante branco, em um país onde tanto se clama por justiça social e igualdade para todos.

João Ururahy torce para que venha a oportunidade de o jovem negro frequentar a escola e

Fotos: D’Luca



João Ururahy, Chefe de Gabinete da presidência do TCE/RN

a universidade e que essa medida não se limite a uma figura de retórica, para a sustentação de um proselitismo político. Ao longo de seus 72 anos de idade, ele diz ter enfrentado diversas situações de discriminação e preconceito, mas muitas delas pre-

fere esquecer. “É uma forma de não guardar mágoas”, justifica.

Um fato que o atual chefe de gabinete do TCE não esquece é o de quando tinha 12 anos de idade. Ele estudava no Colégio Marista e todos os anos havia uma disputa entre os alunos

pelo 1º lugar da turma. Naquele ano, Ururahy ficou empatado em segundo lugar com Newton Navarro e quando da homenagem prestada pela direção da escola, foi referenciado por um dos Irmãos Marista como sendo “um negro de alma branca”, tratamento que lhe deixou bastante decepcionado.

Mesmo assim, ele diz ter uma enorme gratidão pelos Irmãos Marista, que contribuíram significativamente para a sua educação. Na época, órfão de pai, e tendo sua mãe que arcar com toda a despesa da casa, João Ururahy teve os estudos custeados pelo próprio colégio. “Felizmente, consegui superar todos os preconceitos”, destaca. Até a 3ª série do ensino fundamental, estudou em escola pública.

Ao contrário da maioria dos negros, João Ururahy conseguiu ocupar cargos importantes em sua vida profissional, entre os quais o de chefe da Casa Civil, no governo de Geraldo Melo, e o diretor da imprensa oficial do Estado. “Não me considero um privilegiado, mas tive um pouco de sorte na vida”, reconhece. E tudo sem ter frequentado uma universidade, o que diz ter sido por uma opção pessoal e não pelos preconceitos de uma sociedade ainda extremamente racista.

Frankie Marccone



O antropólogo Luiz Assunção defende discussão das mudanças

EM DEFESA DA MEDIDA

A adoção de uma política de ação afirmativa, como a que vem sendo pretendida pelo governo Federal para facilitar o acesso de negros às universidades públicas brasileiras, são importantes segundo o antropólogo e professor universitário Luiz Assunção. Entretanto, ele adverte que é necessária uma ampla discussão sobre o assunto, principalmente por parte do movimento negro, maior interessado nas consequências que essas medidas venham trazer.

Para o antropólogo, o estado brasileiro tem um débito muito grande com a população afrodescendente. “Historicamente, ela sempre foi marginalizada: inicialmente com a escravatura e, após a abolição a condição de vida e a integração dos negros à sociedade foi negada”, argumenta. Luiz Assunção acredita que, sozinha, essa proposta do governo federal não irá resolver a problemática da situação em que vive a população negra, no País.

Políticas de ação afirmativa, defende o antropólogo, devem estar respaldadas por ações de ampliação dos direitos civis, da cidadania. “Por que não ser implementadas, por exemplo, políticas de melhoria do ensino público, de universalização da assistência médica; políticas sanitárias, de formação da população para o mercado de trabalho e de auto-estima e afirmação da população negra?”, questiona.

De acordo com Luiz Assunção, a maioria dos negros não chegam sequer a concluir o ensino médio, e consequentemente, não chegam às universidades. Daí a importância de se investir no ensino público desde a sua origem e não somente defender uma cota para que alunos negros tenham acesso a instituições de nível superior. Na opinião do antropólogo, a identidade negra sempre foi negada.

■ Continua na página 7

NEGRO NÃO PRECISA DE RESERVA

Criar uma espécie de reserva de mercado para tentar compensar a desigualdade racial que existe no País não é a medida mais acertada, na opinião do jornalista e administrador de empresas Gustavo Mariano. “Destinar uma parcela das vagas, nas universidades, para os negros não é uma boa política do governo; é discriminação”, considera.

Uma política de ação afirmativa como a que foi implementada nos Estados Unidos há cerca de 40 anos, rebate o jornalista, não terá o mesmo efeito no Brasil, pois o contexto aqui é outro. “Lá, o racismo era explicitamente exercido por organizações como o Ku Klux Klan, criada com o objetivo de promover a segregação”. No Brasil, explica Mariano, ele existe, mas é disfarçado.

Para Gustavo Mariano, o que deveria haver era um investi-



Gustavo Mariano é jornalista e assessor de imprensa da SSP/RN

mento maciço do governo em uma educação de qualidade nas escolas públicas. “Se houvesse um ensino de primeiro mundo, que possibilitasse o

acesso à escola, não só de negros, mas também de pessoas com um baixo poder aquisitivo, negros e brancos poderiam competir em pé de igualdade,

principalmente com os alunos da rede particular.

PRECONCEITOS

Mesmo tendo conseguido vencer toda a discriminação e o racismo dos colegas de escola, de quem muitas vezes ouviu piadas desagradáveis, e apelidos racistas, como “guardanapo de mecânico”, “bolo preto” ou “chá preto”, Gustavo Mariano afirma que atualmente o preconceito por parte das pessoas com quem convive ainda existe.

“Convivo com o preconceito todo dia, a todo momento; entretanto, não me deixo abater com isso. Não sou um perdedor”, diz. A competência profissional faz com que seja respeitado e para ele, isso é o que importa. Na opinião das pessoas, explica o jornalista, quando um negro ascende socialmente, acaba sendo tratado como um branco.

A DESIGUALDADE EM NÚMEROS

A situação em cada curso de graduação:

	Brancos	Pardos	Negros
Administração	83,3%	10,9%	1,6%
Agronomia	78,1%	14,5%	1,6%
Biologia	74,4%	19,2%	2,5%
Direito	84,1%	10,8%	2,0%
Economia	77,9%	15,7%	2,9%
Eng. Civil	81,2%	12,4%	1,8%
Eng. Elétrica	79,8%	12,0%	1,5%
Eng. Mecânica	81,0%	11,6%	1,9%
Eng. Química	82,8%	11,0%	1,8%
Física	72,8%	18,5%	3,5%
Jornalismo	81,5%	11,5%	2,9%
Letras	70,9%	21,6%	3,9%
Matemática	73,4%	20,0%	3,5%
Medicina	81,6%	12,3%	1,0%
Odontologia	85,8%	8,4%	0,7%
Psicologia	83,3%	11,8%	1,6%
Química	75,0%	17,9%	3,6%
Veterinária	84,9%	9,5%	1,1%

Fonte: Provas 2000/MEC

Editoria de Arte/Jaimé Azevedo

Informativo da Universidade Potiguar

Projeto Gráfico: Setor de Marketing
Assessora de Imprensa: Valéria Credidio
Home-page: www.unp.br
e-mail: imprensa@unp.br

ODONTOLOGIA



O curso de Odontologia da Universidade Potiguar implantou desde o início de agosto o Estágio Extra Muros em Pitangui, que tem como objetivo a atenção odontológica preventiva e curativa. O estágio, que está completando um mês de funcionamento, foi, na avaliação dos alunos, a melhor experiência vivenciada por eles ao longo do curso.

ODONTOLOGIA II

Alunos do curso de Odontologia marcaram presença na Semana Nacional do Excepcional realizada pela APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. Através do Projeto de Extensão "Atendimento Odontológico para Pacientes Especiais", os alunos realizaram, sob a orientação de professores, atividades educativas-preventivas.

DIREITO

O Professor Lúcio Teixeira, diretor do curso de Direito, recebeu no último dia 24, uma placa de homenagem entregue pelos concluintes de Ciências Sociais 2001.1 da UFRN, em virtude dos relevantes serviços prestados, no passado, junto àquela comunidade acadêmica.



FINANCIAMENTO

Continuam abertas as inscrições para o FIES. Os interessados devem se cadastrar pelo endereço www.mec.gov.br, clicando no ícone inscrição. Qualquer esclarecimento pode ser obtido pelo telefone 215-1315, na própria UnP.

FOLCLORE

Os cursos de História e de Turismo, juntamente com a Comissão Nacional e Norte-rio-grandense de Folclore e Prefeitura do Natal, com o apoio do Hotel Barreira Roxa e do Sebrae, realizaram de 28 a 31 de agosto a Semana Nacional do Folclore. O evento, que reuniu historiadores e folcloristas de todo o país, aconteceu no auditório do Hotel Escola Barreira Roxa com o Seminário de Ações Integradas e na Capitania das Artes com o Curso sobre Folclore, Educação e Turismo.



Universidade promove Semana de Farmácia

No período de 12 a 14 de setembro, o curso de Farmácia e Bioquímica da Universidade Potiguar, em parceria com o Centro Acadêmico Aleixo Prates, promoverá a 3ª Semana de Ciências Farmacêuticas da UnP. O evento, que faz parte de um programa de atividades de extensão, tem como objetivo principal promover uma maior integração entre o ensino e a extensão universitária através de palestras e mini-cursos, com professores renomados no âmbito das tecnologias farmacêuticas, assim como nas análises clínicas e toxicológicas, contribuindo desta forma, para sólida formação acadêmica dos alunos da área das ciências da saúde e biológicas. De acordo com professor Sales, diretor adjunto do curso, o evento é uma importante contribuição na atualização do profissional farmacêutico e farmacêutico biotecnológico.

A abertura do evento será ministrada pelo professor Aleixo Prates, Presidente da Abenfábio Associação Brasileira de Ensino Farmacêutico e Bioquímico e membro do Conselho Federal de Farmácia. No dia 13, o evento contará com a presença do Vice-Presidente da Anfarmag (Associação Nacional dos Farmacêuticos Magistrais), Dr. Marco Antonio Perino, da Dra. Rosário Dominguez, da USP. Estará presente também ao evento o professor Ernesto Hoffer, pesquisador titular do Instituto Oswaldo Cruz, onde coordena o laboratório de Referência Nacional de Cólera e Outras Enteroinfecções bacterianas.

Administração Hospitalar

PÓS-GRADUAÇÃO
LATO SENSU

Informações e inscrições: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Av. Floriano Peixoto, 255 - Fones: (0*84) 215.1118 - Fax (0*84) 215.1113
E-mail: propgrad@unp.br www.unp.br

UP EM FOCO

PRIUEM

O PRIUEM - Programa de Integração Universidade Ensino Médio, está expandindo suas atividades. Nesta semana, a UnP recebeu visita dos alunos do Ensino Fundamental do Colégio Girafinha Flôr, que tiveram aula prática no laboratório de informática. Também visitaram as instalações da Universidade os alunos dos colégios Maristella, Piaget e do Colégio Objetivo de Currais Novos. As escolas interessadas em participar do Programa podem manter contato pelo telefone 215-1247.

LABORATÓRIO

Já está em funcionamento o LACT - Laboratório de Análises Clínicas e Toxicológicas da UnP, um dos mais bem equipados laboratório do Estado, atendendo as exigências do Órgão Sanitário Federal. O LACT-UnP realiza exames nas áreas de Hematologia, Bioquímica, Citologia, Parasitologia, Microbiologia, Uroanálise, Imunologia, Marcadores Tumorais, Hormônios e Toxicologia, com preços populares.

ESCOLA DAS DUNAS

Amanhã, um grupo de alunos do Curso de Relações Públicas da UnP estará visitando a Escola das Dunas em Pitangui. A programação prevê a realização de atividades de extensão.

EXPOCOM

Na próxima quarta-feira, dia 05, será conhecido o campeão do Exposcom 2001. A Universidade Potiguar, através do curso de Publicidade e Propaganda, está entre os três finalistas.

MARKETING

Amanhã, começam as aulas da 6ª turma do Curso de Especialização de Marketing. Esta será a primeira turma do Programa de Marketing no Campus Zona Sul da Universidade Potiguar.



PARA SABER MAIS

- O Brasil “branco” é cerca de duas vezes e meia mais rico que o Brasil “negro”. Os brancos representam 85% da população entre os 10% mais ricos e com 41% da renda nacional; já os negros representam 60% dos mais pobres, com 7% da renda do País. Essa estrutura manteve-se inalterada ao longo dos anos 90, sem que os planos econômicos da década afetassem a exclusão racial.

- Em 1999, os negros, que representavam 45% da população brasileira, eram 64% dos pobres e 69% dos indigentes. Dos 53 milhões de brasileiros pobres, 19 milhões são brancos, 30 milhões são pardos e 3,6 milhões são pretos. Mais uma vez, esse padrão manteve-se estável por toda década de 90.

- Apesar de a escolaridade média de brancos e negros ter aumentado ao longo do século 20, a discriminação racial manteve-se, num fenômeno de inércia. O ancião negro tem menos 2,3 anos de estudos que o ancião branco; o negro jovem também tem a mesma diferença de anos para o colega branco.

- Quanto maior a qualificação profissional de um negro, maior é a diferença em relação ao que é pago a um branco. O salário médio mensal de um homem branco é de R\$ 726 contra R\$ 337,13 de homem de cor e R\$ 289,22 pagos a uma mulher de cor.